

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE GRADUANDAS NEGRAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA, FÍSICA E MATEMÁTICA DA UFRB-AMARGOSA

Michelle Neres Queiroz dos Santos¹

Resumo

O presente artigo é uma síntese de uns dos capítulos (*mulheres na ciência*) do trabalho de conclusão de curso que se propôs analisar as narrativas de graduandas negras nos cursos de Licenciatura em Química, Física e Matemática da UFRB/CFP. Nesse sentido, buscou-se compreender as limitações e potencialidades do ser mulher negra nestas áreas de conhecimento a partir de suas narrativas (auto)biográficas, utilizando as entrevistas narrativas como instrumento de investigação desta pesquisa. Dessa forma, refletir sobre a mulher negra na sociedade atual, envolve sobretudo apontar nossa existência enquanto categoria social. Dessa maneira, ao investigar as experiências de vida-formação dessas estudantes, foi possível compreender, através de suas narrativas (auto)biográficas, as relações que as mesmas estabelecem com as discussões étnico-raciais sendo mulher negra na ciência.

Palavras-chave: Mulher negra na ciência. Narrativas (auto)biográficas. Educação étnico-raciais.

Recebido em 20 de outubro de 2020 e aprovado para publicação em 15 de dezembro de 2020

¹ Mestranda no Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela (UFRB-CFP). Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Dom Alberto. Correio eletrônico: mychellyneres@gmail.com.

Introdução

O presente artigo surge a partir da síntese de um dos capítulos desenvolvido para o trabalho de conclusão de curso em Pedagogia e das entrevistas narrativas de estudantes negras nos cursos de Licenciatura em Química, Física e Matemática, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), em Amargosa-BA. Objetivando compreender as limitações e potencialidades do ser mulher negra nestas áreas de conhecimento a partir de suas narrativas (auto)biográficas.

Em 28 de julho de 2017, foi divulgado um portfólio² da UFRB que apresentava o perfil de estudantes da universidade. O portfólio apontou que 83,4% do seu corpo discente se autodeclaravam negros e 63,8% eram do sexo feminino, o que configura a UFRB como uma universidade negra e majoritariamente feminina, ultrapassando a média nacional das universidades que é de 52,37%.

Tratando-se especificamente do Centro de Formação de Professores, os dados coletados³ pelo Sistema Integrado de Gestão e Atividades (SIGAA) indicaram que, no curso de Química, 39,69% dos estudantes se autodeclararam negros e 31,29% pardos. Em Física, por sua vez, 33,33% se autodeclararam negros e 33,33% pardos. Já no curso de Matemática, 26,31% se autodeclararam negros e 28,57% pardos. Em relação ao sexo dentro das áreas pesquisadas, os dados constataram que, no curso de Química, 61,83% são do sexo feminino, enquanto 38,16% são do masculino. No curso de Física, o quantitativo de homens é de 61,29%, um índice superior ao de mulheres que representa 38,70%. Na área de Matemática, a porcentagem de mulheres é de 49,62% e a de homens 50,37%.

Em paralelo a estas constatações locais, é sabido que as mulheres negras ocupam a base da pirâmide racial e são, contraditoriamente, destaques nos índices de violência⁴ e de vulnerabilidade social. Elas também estão em condições inferiores, no que se refere às ocupações de prestígio social desde o acesso até a remuneração salarial. Nesse sentido, comecei a indagar como as graduandas negras dos cursos de Ciências da Natureza lidam com essa realidade, tendo em vista a forma como são enxergadas na sociedade em geral, no

² Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemoramaioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior>. Acesso em: 20 nov. 2018.

³ Os dados foram extraídos do sistema SIGAA, pelo Núcleo de Gestão Técnico Acadêmico Divisão de Apoio aos Colegiados - Consulta Geral de discente em 19/11/2018 às 14h21min. Os seguintes dados referem-se ao quantitativo de alunos com status “ativo” nos cursos.

⁴ Segundo Waiselfisz, “As taxas de homicídio de brancas caem na década analisada (2003 a 2013): de 3,6 para 3,2 por 100 mil, queda de 11,9%; enquanto as taxas entre as mulheres e meninas negras crescem de 4,5 para 5,4 por 100 mil, aumento de 19,5%. Com isso, a vitimização de negras, que era de 22,9% em 2003, cresce para 66,7% em 2013.” WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Flacso Brasil. Brasília: 1ª Edição. 2015. p. 73; Ver: Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil (org.). MARCONDES, Mariana Mazzini; PINHEIRO, Luana; QUEIROZ, Cristina; QUERINO, Ana Carolina; VALVERDE, Danielle. Brasília: Ipeca, 2013.

meio acadêmico e, particularmente, numa área de formação predominantemente masculina e branca.

Pesquisas como as realizadas pelo Censo de Educação Superior têm demonstrado um crescimento significativo de mulheres no ensino superior e que, apesar das mesmas estarem ocupando os espaços socioeconômicos e acadêmicos, mesmo assim, elas sofrem com o preconceito no espaço universitário. De acordo com Teixeira e Freitas⁵:

O fato de se ter mais mulheres frequentando o ensino superior, apesar de uma conquista, não garante a elas condições justas para atingir o sucesso profissional, nem mesmo rompe com a segregação sexual por áreas de conhecimento. A discriminação continua mesmo quando essas mulheres rompem com estímulos e barreiras sociais e econômicas, entrando em cursos tradicionalmente ocupados por homens.⁶

Ou seja, mesmo diante de uma quantidade significativa de mulheres adentrando no ensino superior, elas precisam romper com a discriminação e a segregação nas áreas de conhecimento.

Sendo assim, é importante pensar a mulher negra nesse processo de representação social. Segundo Hooks⁷, “as mulheres negras têm sido historicamente vistas como encarnação de uma perigosa natureza feminina que deve ser governada. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas só corpo sem mente”. Podemos observar que as teorias racistas e sexistas criaram, em torno da mulher negra, uma representação negativa do seu corpo como símbolo sexual e destinado para o trabalho servil. Nesse sentido, as relações de raça e ser mulher ocorrem para as mulheres negras de maneira interseccional⁸, uma vez que elas sofrem diversas opressões numa sociedade capitalista, patriarcal, racista e sexista. Segundo Rosa,

[...] não é difícil imaginar que a representação da mulher negra nas ciências seja ainda menor. A mulher negra tem a particularidade de viver experiências resultantes da intersecção de gênero e raça, ou seja, de enfrentar uma combinação de desafios por ser mulher e por ser negra.⁹

Essas opressões também contribuem para que as mulheres, sobretudo as negras,

⁵ TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; FREITAS, Marcel de Almeida. Mulheres na docência do ensino superior em cursos de física. **Ensino em Re-Vista**, EDUFU, Minas Gerais, v. 21, n. 2, p. 329-340, jul./dez. 2014. p. 330-331.

⁶ Idem.

⁷ HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, jan. 1995, p. 469.

⁸ AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade**. Coordenação: Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

⁹ ROSA, Katemari. A (pouca) presença de minorias étnico-raciais e mulheres na construção da ciência. *In: **Paper apresentado no XXI Simpósio Nacional de Ensino de Física***, Uberlândia-MG, 2015. p. 04. Disponível em: <https://www.doccity.com/pt/a-pouca-presenca-de-minorias-etnico-raciais-e-mulheres-na-construcao-da-ciencia-katemari-rosa/7581508/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

sejam invisibilizadas e silenciadas no campo da ciência, tendo em vista que elas estão a ocupar um lugar majoritariamente masculino e não-negro, o que resulta em uma exclusão atravessada pelos vieses raciais e de gênero. Por isso, é importante pensar sobre os debates e reflexões acerca das questões raciais e ser mulher negra em todos os espaços.

Para melhor compreensão das interconexões raciais e de ser mulher negra nos percursos de vida-formação das estudantes negras dos cursos citados acima, optou-se, nessa pesquisa, pelas narrativas (auto)biográficas por ser um elemento fundamental para entendermos como os sujeitos são constituídos socialmente e como eles vivenciam o mundo. A (auto)biografia, como defende Norbert Elias¹⁰, nos aponta para questões particulares que, ao mesmo tempo, evidenciam problemáticas contextuais e coletivas e colabora também para o reconhecimento da formação do “eu”, proporcionando ao pesquisador um entendimento de como as práticas sociais permeiam as constituições subjetivas.

A pesquisa (auto)biográfica se insere na abordagem qualitativa, pois tem como intenção estudar os fenômenos sociais e humanos. Segundo André (1995, 2013)¹¹, estes fenômenos são complexos e dinâmicos para serem compreendidos apenas na quantificação de dados. A autora também ressalta que essa abordagem surgiu no século XIX, a partir dos questionamentos dos cientistas sociais, sobretudo na perspectiva dos métodos empíricos das ciências físicas e naturais para estudar os fenômenos humanos e sociais.

Chizzotti (2003)¹² afirma que, a pesquisa qualitativa procura compreender os fenômenos e fatos sociais envolvendo diferentes métodos de pesquisa e diversas análises epistemológicas, permitindo a investigação dos aspectos sociais e das interrelações dos sujeitos. Godoy (1995)¹³ também aponta que a abordagem qualitativa permite o pesquisador verificar e ampliar a busca do conhecimento, no qual compreende os fenômenos estudados em sua pesquisa.

Assim, a pesquisa qualitativa possibilita analisar e entender as narrativas de vida dos sujeitos tal como realizado nesse estudo.

¹⁰ ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

¹¹ ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: SP Papirus, 1995; ANDRÉ, _____. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 95-113. 2013.

¹² CHIZZOTTI, Antonio. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho Braga, Portugal, v. 16, n. 02, p. 221-236, 2003. Disponível em: http://www.grupodec.net.br/wpcontent/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf. Acesso em: 28 nov. 2018.

¹³ GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

Meireles (2015)¹⁴ afirma que, “o método (auto)biográfico surge como resultado de considerações epistemológicas e teóricas na perspectiva de uma tomada de consciência dos processos pelo os quais os adultos se formam.” Assim, procuramos, nas narrativas das estudantes negras dos cursos de Ciências da Natureza, esse processo de consciência e formação do “eu”, no que se refere às interfaces de raça e ser mulher, construídas a partir de suas experiências de vida-formação. Nessa perspectiva, as graduandas ao narrarem tais experiências tornam-se protagonistas de suas histórias, atribuindo significados para sua (auto)formação.

a) Ser mulher comparado ao homem na ciência

Iniciamos o capítulo *Mulheres na Ciência* com a história da Saartjie Baartmann (vênus negra)¹⁵, para refletirmos sobre a mulher dentro do campo científico e identificar nas narrativas (auto)biográficas das graduandas como é ser mulher intelectual, principalmente, negra nesse espaço que historicamente foi ocupado por homens brancos. Todavia, tecermos uma breve discussão sobre o intelectual negro no contexto científico e social.

Para Oliveira (2018)¹⁶, a concepção de ser um “intelectual negro” é diferente da perspectiva do conceito de intelectualidade construído a partir de um paradigma ocidental que marginaliza e exclui homens e mulheres negras do campo científico. Ser intelectual negro, na perspectiva filosófica de ser negro acadêmico, é pensar e ter um compromisso com a comunidade. Com base nas ideias de Oliveira ainda, ser intelectual negro é apropriar-se dos conhecimentos.

[...] inclusive daqueles que os marginalizaram e marginalizam, é também tarefa do(a) negro(a) intelectual. Apropriar-se no sentido de tomar conhecimento, compreender, interpretar, reelaborar, questionar, contrapor, produzir novos conhecimentos. Apropriar-se para colocá-los a serviço dos marginalizados pelas sociedades, mas com a intenção de valorizar, fortalecer, humanizar, criar condições e expectativas de vida, objetivando romper com os conhecimentos produzidos para massacrar, desumanizar, empobrecer, embranquecer, entre outras tantas atrocidades.¹⁷

¹⁴ MEIRELES, Mariana Martins de. **Entrevista narrativa de si**: Fonte de pesquisa (auto)biográfica e perspectiva de análises. In: SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 286.

¹⁵ CITELI, Maria Teresa. As desmedidas da Vênus negra: gênero e raça na história da ciência. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 3, n. 61, p. 163-175, nov. 2001.

¹⁶ OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: significados presentes na literatura. **COPENE**, Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Uberlândia-MG, 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1530406687_ARQUIVO_evaldooliveira_texto_pronto_copene.pdf. Acesso em: 02 mar. 2019.

¹⁷ Ibidem, p. 03.

Portanto, o papel social do intelectual negro é apropriar-se dos conhecimentos, compreendendo-o para intervir nas diversas formas de opressões, trazendo contribuições e mudanças na realidade de sua comunidade. Numa outra perspectiva epistemológica, Hooks também defende essa ideia quando argumenta que o trabalho intelectual torna-se mais difícil para sujeitos que vem de grupos considerados marginalizados historicamente. Assim sendo, o intelectual negro tem um compromisso para além de sua prática pessoal¹⁸.

Em relação às mulheres negras intelectuais, Hooks ressalta também que a questão de gênero ainda influencia na invisibilidade dessas mulheres, apesar delas terem um papel importante nas produções científicas, como “professoras pensadoras críticas e teóricas culturais na vida negra”, a imagem que é sempre atribuído a um intelectual negro, ainda é do homem negro¹⁹.

Nesse sentido, quando observamos o processo histórico das mulheres podemos evidenciar que o sistema ideológico foi construído a partir de uma masculinidade e de um poder hegemônico gerenciado por brancos (homens), que exclui e silencia mulheres do campo científico e intelectual, principalmente, as negras. Para as mulheres negras, essa realidade é bem pior, tendo em vista que elas sofrem com a interface de ser mulher negra e de raça. Historicamente, esses sujeitos tiveram atribuídos ao seu corpo e ao intelecto estereótipos de uma sociedade racista/sexista.

A história de Saartjie Baartmann nos leva a refletir como o corpo da mulher negra foi e é sexualizado no imaginário do homem branco, enquanto seu intelecto também é desqualificado e minimizado. Como afirma Ribeiro²⁰, atualmente, a mulher negra luta contra todo tipo de opressão através de suas produções intelectuais, ressignificando sua existência, no intuito de rescrever sua própria história.

Nesse sentido, compreendemos que o processo emancipatório das mulheres especialmente das negras, decorre de lutas na busca por direitos para a sua existência perante as estruturas sociais.

b) Ser mulher comparado ao homem na ciência

Quando falamos de cientistas, a primeira imagem projetada na mente de algumas pessoas é de um homem branco vestindo jaleco branco. Segundo Leta “Historicamente a

¹⁸ HOOKS, op. cit.

¹⁹ Idem.

²⁰ RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** – Belo Horizonte, Minas Gerais: Letramento, 2017.; Cf. RIBEIRO, _____. **Quem tem medo do feminismo negro?** – 1. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ciência sempre foi vista como uma atividade realizada por homens”²¹. Diante disso, podemos perceber que a discriminação de gênero dentro da ciência é um dos problemas que afeta as mulheres de todas as áreas do conhecimento. Isso é decorrente da maneira como as mulheres foram representadas socialmente por uma sociedade patriarcal, machista e sexista, na qual criou-se a ideia de que os homens são mais inteligentes do que as mulheres, ou seja, elas sempre se encontraram numa condição submissa.

Pouco se problematizou na História sobre a presença e produção das mulheres na ciência. Nota-se que elas foram colocadas numa posição inferior em relação aos homens durante séculos. Segundo Leta, a educação para as mulheres acontecia no âmbito familiar e elas eram educadas para o casamento, a maternidade e os afazeres domésticos. Poucas eram as mulheres que ocupavam papéis importantes na Ciência e quando ocupavam, eram em segundo plano, nunca como protagonistas. O homem levava todos os méritos das pesquisas realizadas pelas mulheres. É importante salientar que essas mulheres pertenciam à burguesia europeia²². Leta ainda ressalta que, apesar da invisibilidade, grandes descobertas da humanidade foram feitas por mulheres²³.

É preciso situar a respeito de que mulheres e homens estamos falando, como também o tempo e o espaço. Estamos falando da mulher branca e do homem branco dos países da Europa, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Negros e negras, nesse período histórico, eram escravizados, na verdade, sua relevância para ciência eram seus corpos para pesquisas científicas que legitimava as teorias racistas e sexistas, como retrata a história de Saartjie Baartmann no início desse capítulo. No Brasil, o processo de colonização escravista era perverso com negras, negros e indígenas.

Diferentemente da mulher branca, as mulheres negras possuem um apagamento histórico dentro da sociedade em virtude do processo de colonização que as escravizaram, além disso, percebemos que mulher negra não teve uma educação como as das mulheres brancas. Hooks explica que desde a escravidão até os tempos atuais, a sociedade consiste em considerar a representação da mulher negra “como símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva”. O sistema escravista colonial racista e desumano configurou uma visão que as mulheres negras não são consideradas como seres humanos e sim como objetos para servir, serem estupradas, e sem inteligência²⁴.

²¹ LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Revista Estudos avançados**, USP, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, dez. 2003.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ HOOKS, op. cit., p. 468.

A partir do início do século XX, o movimento feminista começou a instituir a categoria gênero para relacionar as questões de igualdade de gênero. O Feminismo da década de 20 do século XX, tinha como objetivo a luta pela igualdade de direitos diante dos homens conforme afirma Moreira (2018).²⁵ A autora ressalta que as mulheres brancas da elite lutavam pela conquista “dos direitos políticos, condições que daria a elas, pelos menos às mulheres brancas e da elite, a possibilidade de igualdade perante os homens, que já contavam com direitos de representação política”²⁶. Nesse sentido, as mulheres almejavam possuir os mesmos direitos dos homens e sair de um lugar de subalternidade produzido pelo patriarcalismo machista, no intuito de constituir uma relação igualitária de gênero. Nos meados do século XX, o movimento das feministas começaram a reivindicar sua participação na ciência como intelectuais. A partir da década de 60, 70 e 80, as produções sobre gênero na ciência cresceram significativamente, sendo destaque entre os acadêmicos como ratifica Leta²⁷.

Por outra lado, Moreira afirma que embora o Feminismo tenha surgido e pensado maneiras para uma igualdade civil, o mesmo não incluiu em suas pautas as questões de raça e classe, pregando uma imagem da mulher universal. O movimento feminista branco não atendia as especificidades e demandas das mulheres negras, sobretudo desconsiderando a categoria raça da sua filosofia feminista, criando um modelo universal de mulher em que as negras não se encaixavam²⁸. Segundo Ribeiro, as experiências de vida da mulher negra são diferentes da mulher branca, sobretudo nas experiências ligadas ao gênero que são vivenciadas de maneiras distintas. A ausência de representação e discussão que atingem as peculiaridades das negras no feminismo branco, fez nascer o Feminismo Negro²⁹. De acordo com Ribeiro, o Feminismo Negro pensa para além das teorias:

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo são projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-a na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistência e reexistência.³⁰

Contudo, o Feminismo Negro foi pensado para combater os mecanismos opressores (racismo, sexismo, machismos, homofobia, xenofobia, entre outros), não dissociando-os da luta de gênero e raça e dos fatores que se cruzam nas vidas de mulheres negras. Ribeiro

²⁵ MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2018.

²⁶ Ibidem, p. 63.

²⁷ LETA, op. cit.

²⁸ MOREIRA, op. cit.

²⁹ RIBEIRO, op. cit., p. 16.

³⁰ Idem.

visibiliza suas produções intelectuais, para contar a história de um outro ponto de vista, a do oprimido. Porque até então, é sabido que os fatos eram narrados a partir do ponto de vista do opressor³¹.

As reflexões oriundas do feminismo negro, principalmente, nas interfaces de ser mulher e negra, trazem uma denúncia social sobre os problemas vivenciados pelas mulheres negras e, ao mesmo tempo, resgata seus valores e também os valores da cultura afro-brasileira. Diante do contexto histórico sobre mulheres na ciência, pretendemos analisar, através das narrativas dessas estudantes negras dos cursos de Ciências da Natureza da UFRB-CFP, quais são os desafios e as potencialidades vivenciadas por elas durante a graduação.

Em relação à presença das mulheres nos cursos de Ciências da Natureza, as estudantes relataram através de suas falas como acontecem as relações (Estudante-Estudante; Estudante Professor(a); Aluno-Aluna; Professor-Aluno; Professor-Aluna; Professora-Aluno; Professora Aluna), como podemos observar nos trechos da entrevista que se seguem:

Eu comecei a perceber que o curso é assim: você passar, você... O simples fato de você passar! Ninguém importa como! Porque a gente sabe que tem pesca. Não importa como! O simples fato de você passar, você já é uma pessoa em destaque. Quando você perde, você perde todos os seus méritos em outras disciplinas, mas perder em cálculo já era! Tanto que eu cheguei a me questionar algumas vezes se eu estava no curso certo?! Justamente por isso[...] É... E a relação de aluno com aluno como tu perguntou. Acho que justamente essa mesmo. Se eu passo, eu sou algo com QI a mais e seu não passo sou desprezada. A minha sensação até então, depois disso tudo! Eu lembro quando eu perdi em pré-cálculo, alguns alunos foram para cálculo 1, é... Foi um período muito ruim porque até então, os meus colegas eram muito críticos, então justamente por isso, eles me criticavam pelo fato, que me fez me sentir incapaz de conseguir continuar no curso. É... E com relação de professor com aluno, os professores! Justamente como eu estou te falando, quando passa! Nem todos são assim! Quando o aluno... O professor passa é...O aluno passa. O professor vai mais por lado do aluno que passou "a porque fulano é mais inteligente que você" dá essa impressão não que fique verbalizado, mas dá essa impressão! Você por não passar é o coitadinho, é nesse sentido, então é, já percebi isso em algumas disciplinas. Então tem muito disso você passou é... Tem um status, você perdeu outro.³²

Olha só, eu sempre falo com os professores que entraram agora! Eu digo que o curso de Física ele melhorou bastante, a questão da relação do professor com aluno, do aluno com aluno né, melhorou bastante! Porque assim, quando eu entrei era aqueles professores no mundinho deles, ou seja, não olhava muito assim. Ah! O aluno tá perdendo, bora ver aqui o que está acontecendo? Será que o problema está em mim? E hoje não. Hoje os professores olham muito isso, até porque se eles

³¹ Idem.

³² CAROLINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (60 min). Entrevista concedida para monografia intitulada "Se eu passo, eu sou algo com um QI a mais. E se eu não passo, sou desprezada": narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

não parassem para analisar isso, eu acho que o curso já tinha acabado (risos). A verdade é essa! O curso já tinha acabado.³³

Olhe! Eu digo assim que, aqui na universidade que eu vim conhecer gente. Falando nessa última que tu perguntou (a pergunta realizada pela pesquisadora), depois do primeiro semestre, assim de acordo quando você vai se envolvendo, se conhecendo. Não é uma relação muito boa não! Principalmente, relação professor e aluno. Eu acho que, principalmente dos dois últimos semestres, o clima vem ficando muito pesado. Eu acho que o aluno do curso de Química ele não tem muito valor, você não percebe. Eu acho que os professores se sentem muito importantes, no sentido de que... O ensino não é valorizado, a gente não. É incentivado a ser professor no curso de Química, apesar de ser um curso de licenciatura! E isso vem dos nossos próprios professores, né? A relação aluno/aluno não vi grandes coisas não, mas eu acho o que pesa mesmo é a relação aluno-professor e a relação professor/professor que você percebe aquele clima de picuinha entre um e o outro, entre um que a gente chama na área específica com a área de ensino! E aquilo torna o clima do curso pesado, desagradável [...]³⁴

Diante disso, um dos fatores que nos chama a atenção, refere-se às situações de exclusões que acontecem dentro dos cursos de Ciências da Natureza. Como relataram as discentes, muitas vezes elas se sentem excluídas pelo simples fato de não ter obtido um bom desempenho nas disciplinas de cálculos. Isso fica evidente na fala de Carolina ao mencionar que “mais de 90% da sala era homem. Então, as mulheres que estavam ali, as pessoas pensavam assim, é porque é fera em cálculo ou então porque era ousada em estar ali! Eu fui a parte da ousada, não porque era fera (risos). Então tinha muito disso!”³⁵.

Na verdade, a impressão que se tem é a mesma que Carolina teve, a que os cursos de Ciências da Natureza foram feitos exclusivamente para os homens. Através dessa fala, fica evidenciada uma inferioridade, isso relacionado ao simples fato de ser mulher. Como se as mulheres não tivessem as mesmas capacidades intelectuais para resolver problemas matemáticos, como os homens. Observa-se também nesses fragmentos narrativos, que dentro dos cursos, predomina uma cultura dos números (cálculos) no ensino, a qual como vimos está associada a uma educação masculina. Segundo Teixeira e Freitas (2014, p.331), o professorado acaba reproduzindo, não conscientemente, padrões tradicionais de um patriarcalismo.

³³ MARIA FIRMINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (80 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

³⁴ MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

Por questões éticas, foram utilizados nomes fictícios para preservar as verdadeiras identidades das graduandas.

³⁵ CAROLINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (60 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

A hipótese é que, ainda que não conscientemente, muitas tendem a repetir padrões de comportamento e ratificar valores patriarcais no ambiente profissional como se tais fossem os únicos “atestados” legítimos de profissionalismo. Assim, o profissionalismo e a competência são sempre relacionados a um universo masculino. Tais comportamentos são até “naturais” caso se considere que as mulheres e suas culturas são elementos estranhos em ambientes ainda androcêntricos e hostis ao feminino.³⁶

Os autores explicam que, boa parte do professorado das áreas de Ciências da natureza, acabam valorizando e reproduzindo no ensino aspectos de uma cultura masculina patriarcal, presente por muito tempo dentro desses espaços o que acaba não valorizando as especificidades do universo feminino, tornando “naturais” certos comportamentos.

Percebemos que as estudantes de Química, Física e Matemática evidenciam em suas falas certos comportamentos expressivos nas práticas dos docentes, como, por exemplo, quando Carolina ressalta que:

“O professor vai mais por lado do aluno que passou ‘a porque fulano é mais inteligente que você’ dá essa impressão, não que fique verbalizado”. Maria Firmina também aponta “quando eu entrei, era aqueles professores no mundinho deles, ou seja, não olhava muito assim. Ah! O aluno tá perdendo bora ver aqui o que está acontecendo? Será que o problema está em mim?”. Marielle também faz suas inferências “Não é uma relação muito boa não! Principalmente, relação professor e aluno. Eu acho que, principalmente dos dois últimos semestres, o clima vem ficando muito pesado. Eu acho que o aluno do curso de Química ele não tem muito valor, você não percebe. Eu acho que os professores se sentem muito importantes...”³⁷

Constatamos que as práticas docentes acabam influenciando na subjetividade das graduandas, fazendo-as duvidar de suas competências e capacidades.

No que se refere às relações de questões de gênero, as alunas demarcam a relação não apenas de professor/aluno, mas, como percebemos na narrativa de Carolina do curso de Matemática, existe um certo conflito na relação aluno/aluna.

“É... E a relação de aluno com aluno como tu perguntou. Acho que justamente essa mesmo. Se eu passo, eu sou algo com QI a mais e seu não passo sou desprezada. A minha sensação até então, depois disso tudo! Eu lembro quando eu perdi em pré-cálculo, alguns alunos foram para cálculo 1, é... Foi um período muito ruim porque, até então, os meus colegas eram muito críticos, então, justamente por isso, eles me criticavam pelo fato que me fez me sentir incapaz de conseguir continuar no curso”.

Nesse trecho, a graduanda de Matemática se sente incapaz e inferior em relação aos colegas que passaram na disciplina de pré-cálculo. Para além disso, nota-se a presença do machismo e sexismo quando ela é criticada pelos colegas (relação aluno/aluna, demarcando

³⁶ TEIXEIRA; FREITAS, op. cit., p. 331.

³⁷ MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia titulada “Se eu passo, eu sou algo com um QI a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

os sexos “feminino x masculino”) e se sente excluída nesse espaço, chegando a questionar-se sobre sua inteligência e se o curso de Matemática era seu lugar.

De acordo Hooks, os estudantes negros se questionam a todo momento sobre sua capacidade dentro do espaço acadêmico branco:

O peso desse fardo inescapável para alunos negros no meio acadêmico branco muitas vezes tem determinado o conteúdo e caráter da atividade intelectual negra. Esses conflitos parecem particularmente agudos para as negras que também têm de lutar contra aqueles estereótipos racista/sexista que o tempo todo levam outros (e até nos mesmas) a questionar se somos ou não competentes, se somos capazes de excelência intelectual.³⁸

A autora traz a reflexão como o ambiente acadêmico branco reforça os estereótipos e oprime os estudantes negros, principalmente, as mulheres negras que chegam a duvidar de sua excelência intelectual. Como vimos, essa reflexão de Hooks fica explícito na fala de Carolina.

A dominação masculina e a segregação se faz presente na Ciência. Nesse sentido, Teixeira e Freitas afirmam que:

Num passado não muito distante, os homens dominavam nas ciências, pois detinham a força física e a liberdade para frequentar os espaços públicos. Hoje, com o desenvolvimento tecnológico, deter maior ou menor força física não é pretexto para a exclusão das mulheres das ciências, que, atualmente, se alicerçam mais no intelecto.³⁹

Diante disso, a discriminação ainda é um fator que influencia as mulheres na escolha da profissão, tal como na permanência em cursos da área da Ciências da Natureza ou nos cursos considerados de prestígio social (Direito, Engenharias e Medicina). Elas acabam optando pelas Licenciaturas, Áreas das Humanas e de Saúde.

Em outro momento da entrevista narrativa, procuramos saber como elas se viam no curso, no intuito de compreender como é ser mulher negra na área de Ciências da Natureza, tendo em vista os relatos sobre os diferentes tratamentos para homens e mulheres, as estudantes responderam da seguinte maneira:

Eu não vejo tanta distinção assim, porque até então o curso de... O fato de você ser mulher no curso de Matemática (risos) já é uma coisa diferente[...] Acho que por ser negra até então nunca senti nenhuma diferença no curso, o fato de ser mulher incomoda!⁴⁰

³⁸ HOOKS, op. cit., p. 472.

³⁹ TEIXEIRA E FREITAS, op. cit.

⁴⁰ CAROLINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (60 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

[...] Privilégio! Tanto que eu falo para as meninas, gente, no próximo semestre eu acabando de apresentar o meu TCC, vamos abrir uma garrafa de champanhe (risos). Tem que comemorar, tem que comemorar! Porque assim ô, eu não tenho muito contato com os estudantes que entraram agora, mas negros são bem poucos, são bem poucos negros sim, e eu me sinto privilegiada (risos), me sinto privilegiada, eu falo gente eu sou uma guerreira (risos). É muito difícil!⁴¹

Eu nunca pensei nisso não especificamente, (silêncio) eu nunca tive. Realmente, é algo que eu nunca pensei assim! [...] Reconhecimento que você fala é enquanto mulher negra? (Silêncio) Sinceramente, não! (risos). Do eu enquanto mulher negra, não! (silêncio)⁴²

Podemos observar nas narrativas de Carolina e Marielle que, embora se autodeclarem negras, no curso, elas não identificam a questão racial em seus contextos como um marcador determinante das relações. Carolina atribui ao ser mulher como único fator de diferenciação de tratamentos. Essa não percepção de si não é produto de uma construção individual, muito pelo contrário. O silêncio durante a resposta de Marielle evidencia que não houve, em suas experiências acadêmicas, uma construção da consciência política do que é ser mulher negra dentro de uma estrutura social opressora que, segundo as autoras Hooks(1995), Moreira (2011; 2018) e Ribeiro (2017), esta categoria deve possuir na sua essência um posicionamento político.

Para Santos, a consciência da percepção de si é definida da seguinte maneira:

[...] a consciência se vincula à possibilidade do pensamento, representação de si e do mundo em acordo com condições exteriores ao sujeito (ou classe). Consciência é conhecer a si e ao entorno, mas é também saber que esse conhecimento é limitado pelo próprio entorno. Ela é definida pelos próprios limites que o sujeito possui, por suas próprias estruturas, por sua relação com o mundo e pelo lugar que ocupa nele.⁴³

A concepção de si implica o conhecimento histórico, social e cultural do sujeito e do mundo, porém esses conhecimentos são limitados por uma estrutura social. Dessa forma, fazer Marielle e qualquer outra pessoa negra não construir uma percepção de si como sujeito negro é objetivo de quem controla as estruturas sociais e estabelece os limites sobre o conhecimento.

⁴¹ MARIA FIRMINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (80 min). Entrevista concedida para monografia titulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁴² MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia titulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁴³ SANTOS, Gislene Aparecida dos. 1964 - **Mulher negra, homem branco**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 78.

Para Gomes,⁴⁴ a formação da identidade negra é construída por meio de conflitos e diálogos. A identidade negra é constituída a partir da complexidade dos conflitos e de diálogos das relações sociais, históricas e culturais. É a partir do olhar do outro que voltamos o olhar e refletimos sobre nosso corpo negro dentro de uma sociedade racista. Ao refletir sobre nosso corpo, várias lentes serão constituídas, produzindo significados/representações e símbolos. Afinal, o corpo é político e simbólico⁴⁵.

Ainda com a fala de Marielle, ela nos diz que:

[...] E necessário a gente ter consciência realmente do que está acontecendo pra gente saber se posicionar. É algo, eu nunca tive essa oportunidade, sabe! Sei de algumas coisas por redes sociais, mas porque eu tive um espaço dentro da Universidade ou na escola, porque o professor tal ou outro falando... Não! Eu me sinto totalmente inexperiente apesar de ser negra, mas eu me sinto inexperiente em discutir essas coisas.

Eu acho que... O que... Como eu falei antes, que eu não tive tanto esse contato. Talvez essa experiência de não ter tido esse contato me chama atenção pra saber que enquanto professora eu preciso discutir isso com os meus alunos, mesmo sendo professora de Química, mas eu posso e eu tenho como discutir com esse aluno, acho que minha formação seria isso.⁴⁶

297

Essa ausência de reconhecimento de si em Marielle implica na construção de sua identidade negra e na formação como futura professora do ensino de Química. Ela fica imaginando como trabalhar as questões raciais e de gênero na sala de aula.

No depoimento da entrevistada, ela reconhece que é preciso ter uma consciência sobre as questões raciais e reconhece que não se sente apta para lidar com situações na escola, o que fica uma limitação curricular que o curso não conseguiu superar durante sua graduação no que se refere à formação de professoras de Química e educação para as relações étnico-raciais.

Gomes enfatiza que chega a ser contraditório que os cursos de formação de professores não formam os profissionais para debater questões de gênero e raça, sendo que

⁴⁴ GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, UFMG, Minas Gerais, v. 9, p. 38-47, 2002.

⁴⁵ Cf. GOMES, _____. **Trajatórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, dez. 2002; GOMES, _____. **Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte, Autêntica, 2008.; GOMES, _____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003; GOMES, _____. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, Campinas, São Paulo, n. 6/7, p. 67-82, 1996.

⁴⁶ MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia intitulada "Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada": narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

os mesmos fazem parte dos diversos grupos étnico-raciais, mas não estão preparados para discutir sobre a diversidade étnico-cultural dentro das escolas⁴⁷.

Nesse sentido, é necessário que se repense a formação de professores nos diversos segmentos do conhecimento para os estudos raciais e de gênero, levando em consideração que o professor é também formador de identidades⁴⁸. Se os graduandos não se apropriam dessas questões e da realidade social, “que representatividade identitárias esses futuros docentes estão recebendo na sua formação? De que maneira estão representadas essas discussões dentro da escola?” Esses questionamentos devem ser refletidos pela universidade, principalmente, para repensar a formação de professores.

c) A discussão de mulheres negras como referência nos cursos de Matemática, Química e Física

Os conhecimentos “ditos” verdadeiros na ciência foram construídos a partir da perspectiva de um olhar branco e eurocêntrico, o qual legitimou certa hierarquização da epistemologia eurocêntrica. Segundo Ribeiro:

[...] quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que do que ser conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim inviabilizando outras experiências do conhecimento.⁴⁹

A intelectual e feminista negra Djamila Ribeiro traz a reflexão que a concepção que temos da Ciência é a partir de uma perspectiva colonialista e eurocêntrica. Nesse contexto, o conhecimento científico valorizado é da perspectiva do homem branco, as produções epistêmicas de grupos marginalizados são invisibilizadas pela Ciência.

A ciência branca ocidental não dá conta de explicar as diversidades e especificidades contidas na sociedade, no sentido que esse conhecimento eurocêntrico está preocupado em produzir ideologias para uma branquitude, que coloca o homem branco no centro de todas as discussões⁵⁰. Entretanto, as produções científicas dos intelectuais negros não direcionam apenas seus conhecimentos para um exclusivo grupo social, mas também produzem

⁴⁷ GOMES, op. cit., 1996.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ BENITE, ANNA M^a CANAVARRO et al. Cultura africana e afro-brasileira e o ensino de química: estudos sobre desigualdades de raça e gênero e a produção científica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 01-36, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/dqNNc8zT3dv6hx6xLBwx4Zj/?lang=pt>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁵⁰ Idem.

conteúdos e saberes com intuito de mudar a realidade da população negra e de todos que estão à margem da estrutura social, visando um novo modelo de sociedade⁵¹.

Considerando a história da ciência, são poucas mulheres negras dentro desse espaço, pois suas produções científicas não são valorizadas e são inferiorizadas, mediante ao racismo epistêmico que determina “o que é” e o “que não é” uma produção acadêmica consistente e lógica do conhecimento como afirma Ribeiro⁵². As mulheres, principalmente, as negras lutam e resistem contra os sistemas racista/sexista de ideias retrógradas de que apenas os homens são capazes de escrever literatura digna de publicação.

Diante disso, Hooks, afirma que apesar das mulheres negras atuarem como pensadoras críticas, essas mulheres não são reconhecidas historicamente. A autora destaca ainda que a imagem criada em torno de intelectuais negros é a imagem do masculino e não da mulher negra⁵³.

Quando questionamos as estudantes acerca do modo como as questões de gênero e raça são abordadas na sua formação acadêmica e sobre com qual frequência os professores debatem essas temáticas dentro do seu curso, as graduandas continuam suas narrativas ressaltando que:

Mas especificar esse tipo de discussão com relação ao gênero, pelo menos eu mesma, nunca presenciei, se teve foi um dia que não vim. Mas nunca presenciei não! [...] ⁵⁴
A gente vê mais falar de quem?! Einstein, Newton... Até a questão da mulher, a gente não escuta falar. A gente só ouviu falar de Madame Kerry que ela não é negra né, porque é polonesa, não é negra, Assistindo o filme dela pra você ver como o filme retrata a vida dessa cientista é totalmente diferente.⁵⁵
Nenhuma! Nunca vi nenhuma discussão em relação a gênero e raça no curso de Química.⁵⁶

Dessa forma, as estudantes ratificam a ausência tanto sobre as discussões de gênero nos cursos como também não há destaque para cientistas mulheres. É notório também que, na narrativa de Maria Firmina, dentro do curso há um privilégio em debater e dá visibilidade as produções de homens brancos. Nesse sentido, ela nos diz que “*a gente vê mais falar de*

⁵¹ HOOKS, op. cit. OLIVEIRA, op. cit.

⁵² RIBEIRO, op. cit.

⁵³ HOOKS, op. cit.

⁵⁴ CAROLINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (60 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁵⁵ MARIA FIRMINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (80 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁵⁶ MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

quem?! Einstein, Newton... Até a questão da mulher, a gente não escuta falar⁵⁷. Ela também ressalta que ouviu falar de mulher no curso apenas uma vez, durante um filme que relata a vida de uma cientista branca.

A visão eurocêntrica/colonialista que a ciência é apresentada, especialmente, nos cursos de Ciências da Natureza nas universidades, é uma visão em que excluem as mulheres negras do meio de produção científica. Isso porque elas não se identificam dentro desse espaço acadêmico, uma vez que a ciência é pensada para um projeto elitista e representada na perspectiva da ideia do homem universal, como ressalva Ribeiro⁵⁸ e Benite⁵⁹.

Em outro momento da narrativa sobre as perguntas anteriormente citada acima, Maria Firmina, Marielle e Carolina relatam que:

Eu conversei muito com meu orientador né, a questão da mulher negra, eu falei... Eu propus até para ele, uma vez disse assim: olha, professor, eu penso escrever um TCC ou algo do tipo uma pesquisa, relacionada às cientistas negras. Poxa, a gente não conhece ninguém! Aí, aqui mesmo a gente não vê falar de ninguém, nenhuma cientista negra. Veio aparecer isso, por um acaso que eu comecei a pesquisar, eu disse poxa tem essas mulheres aqui tudo, contribuíram para tudo isso [...]. Eu disse, não! Mas, eu já escrevi o projeto, deixa esse daqui (risos), ele gostou muito porque é uma temática que o curso dá, a gente não aborda, entende?!⁶⁰

Nenhuma! Nunca vi nenhuma discussão em relação a gênero e raça no curso de Química. Então é algo que... O que eu percebo assim... Vamos supor né, que em sentido de inspiração, eu não tenho muito aqui para inspirar enquanto mulher negra, não me lembro de nenhuma mulher negra química. Entendeu? Então no sentido de ter alguém pra me inspirar, eu não tenho. Não. Aliás menti, já tive sim! Tive em uma disciplina chamada Filosofia da ciência que o professor levou é... Um outro professor, né? Apresentou um seminário que ele falava sobre Racismo Tecnologia e Ciência, foi a única coisa que eu já tive assim contato, mas é algo que eu nunca, mesmo no meu Ensino Médio e Ensino Fundamental. Racismo, gênero, raça, sei lá, algo que eu nunca... Eu vejo pouco se discutir.⁶¹

Que foi numa disciplina que a gente estava discutindo sobre é... Os teóricos, os matemáticos, que, sempre na história, se remetem a homens, foi nesse sentido! Aí, eu me lembrei, além da disciplina de didática teve outra disciplina que a gente abordou isso e a gente abriu uma discussão referente a isso, mas foi algo muito breve, não foi algo tão intensificado, o porquê nos livros só aparecerem homem? Como titular o homem? Sendo que as mulheres por traz de todo... Naquele período de tempo teve mulheres, teve matemáticas. E, aí, a gente abriu uma discussão para isso, uma pesquisa, para que, para que a gente pudesse ver qual foram as mulheres

⁵⁷ MARIA FIRMINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (80 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁵⁸ RIBEIRO, op. cit.

⁵⁹ BENITE, op. cit.

⁶⁰ MARIA FIRMINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (80 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁶¹ MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

que participaram de algumas fórmulas, na criação de algumas fórmulas, alguns teoremas.⁶²

Nos trechos narrativos, as estudantes evidenciam a falta de representatividade de mulheres intelectuais negras nos cursos de Ciências da Natureza. Esse fator acaba influenciando na não formação da identidade política racial.

Nessa passagem, observa-se também que as informantes trazem a ausência de discussão sobre representatividade negras intelectuais nos cursos de Ciências da Natureza. Isso fica perceptível nas suas vozes. Maria Firmina, por exemplo, começa a pensar sobre intelectuais negras por acaso, quando ela começa pesquisar sobre cientistas negras e deixa explícito que o curso de Física não fala de mulheres negras cientistas. Em relação a isso, ela nos diz que *“Poxa, a gente não conhece ninguém! Aí, aqui mesmo a gente não vê falar de ninguém, nenhuma cientista negra”*⁶³. Podemos notar a mesma coisa nos cursos de Química e Matemática, há a ausência de representatividade de intelectuais negras. Marielle salienta que *“Nenhuma! Nunca vi nenhuma discussão em relação a gênero e raça no curso de Química”*. Carolina, por sua vez, traz em seu relato a ideia que a ciência reproduz a imagem do homem branco como universal e a de que no curso de Matemática não existe abordagem sobre mulheres negras cientistas.

Hooks destaca, no texto *Intelectuais Negras*, que, numa visão capitalista, racista/machista e patriarcal, as mulheres negras não são vistas como intelectuais e que a todo momento o sistema opressor tenta invisibilizar seus saberes a partir de um isolamento e de um não reconhecimento de si como intelectual⁶⁴.

Nesse sentido, a ausência de representatividade e a invisibilidade de intelectuais negras dentro dos cursos fazem com que as estudantes negras não se reconheçam como intelectuais. Para Hooks, ser intelectual não precisa estar dentro dos muros acadêmicos, é também⁶⁵ estar fora desse “status quo burguês” e produzir saberes para comunidade oprimida⁶⁶.

⁶² CAROLINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (60 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁶³ MARIA FIRMINA. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (80 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁶⁴ HOOPS, op. cit.

⁶⁵ MARIELLE. Entrevista narrativa [set. 2018]. Entrevistador: Michelle Neres Queiroz dos Santos. Amargosa, 2018. 1 arquivo mp3 (50 min). Entrevista concedida para monografia intitulada “Se eu passo, eu sou algo com um Qi a mais. E se eu não passo, sou desprezada”: narrativas (auto)biográficas de graduandas negras nos cursos de licenciatura em química, física e matemática da UFRB-Amargosa.

⁶⁶ Idem.

Assim, quando as graduandas relatam que não têm as discussões étnico-raciais nos cursos, percebemos que isso faz com que elas se situem no contexto histórico, possibilitando perceber a própria ciência como estrutura epistemológica hegemônica e a universidade como instituição que legitima o racismo científico. Fica visível que esses espaços ainda não são lugares construídos para dar visibilidade para as pessoas negras, principalmente, as mulheres, pelo contrário, silencia e exclui. Compreender e conhecer o contexto de ser mulher, negra e intelectual, a partir de suas experiências, é justamente identificar seu compromisso social, o qual deve ir para além do status acadêmico.

Considerações Finais

Sabemos que a História do Brasil e da humanidade revelam um processo de colonização perverso e desumano com toda população negra. A ciência também teve sua participação nesse processo corroborando para a construção e disseminação de ideologias racistas, sexistas, patriarcalistas e outras. Partindo do princípio de uma branquitude europeia ocidental, por se considerar superior, possuía uma missão civilizadora de dominação e exploração de grupos considerados inferiores. Entretanto, com a organização do Movimento Negro, movimentos sociais (feministas, camponeses, LGBTs) e intelectuais negros, foram travadas, nesse contexto, lutas e tensões, na busca por direitos e pelo combate a todo tipo de opressão contra aqueles (mulheres, negros, índios, homossexuais) que foram excluídos historicamente.

Houve nesse processo, um apagamento e invisibilidade das diversas identidades e da cultura afrodescendente. As mulheres negras, em especial, foram as mais afetadas, no que tange as interconexões de raça e de ser mulher/negra. Por muito tempo, elas estiveram excluídas pela sociedade, resultado das múltiplas opressões criadas por uma branquitude hegemônica. Dessa forma, refletir sobre a mulher negra na sociedade atual, envolve sobretudo apontar nossa existência enquanto categoria social. Pois, apesar dos avanços presenciados durante décadas, resultado das lutas dos movimentos sociais, sabemos que o racismo e sexismo ainda se encontram intensamente presentes nas estruturas sociais.

Nesse sentido, Rosa (2015)⁶⁷ explica que as discussões das relações étnico-raciais “não são temas recentes no Brasil. As tensões entre povos de diferentes origens étnicas são tão antigas quanto à própria história do nosso país – ou da humanidade”. A autora ainda ressalta a importância do Movimento Negro e outras organizações sociais, na luta e contribuição para implementação de política públicas, no sentido de promover “condições

⁶⁷ ROSA, op. cit., p. 02.

mais igualitárias entre a população brasileira”⁶⁸. Sendo assim, o povo negro vem resistindo e lutando durante muito tempo em prol de condições igualitárias e por uma sociedade antirracista.

Dessa maneira, ao investigar as experiências de vida-formação dessas estudantes, foi possível compreender, através de suas narrativas (auto)biográficas, as relações que as mesmas estabelecem com as discussões étnico-raciais sendo mulher negra. Além disso, a pesquisa nos revelou as inúmeras dificuldades enfrentadas cotidianamente por essas estudantes que, em muitos momentos, se demonstraram inseguras em tratar das questões raciais, muitas vezes, decorrente da ausência de discussões nos cursos de Ciências da Natureza, como citado nas entrevistas. Observamos que, mesmo nas Licenciaturas de conhecimento nas Ciências da Natureza, as graduandas sofrem com a segregação.

Os resultados da pesquisa demonstraram que é urgente e necessário que ocorram revisão no currículo dos cursos de formação de professores e professoras para abordar a educação para as relações étnico-raciais, uma vez que acreditamos que uma docência sensível às questões raciais e de gênero favorece a construção de uma sociedade mais justa e democrática, com o reconhecimento e respeito à diversidade, fortalecendo a luta contra o racismo e o sexismo na sociedade.

É preciso salientar que há uma ausência intencional de mulheres cientistas e de cientistas negras no discurso das áreas específicas, o que revela a necessidade de desconstrução e ressignificação da imagem da mulher negra socialmente para possibilitar a constituição da autonomia, o protagonismo de sua própria história e de suas produções intelectuais, também, no campo científico. Enquanto a intelectualidade for produzida sem as mulheres negras, elas sempre acharão que não são capazes de ocupar esses espaços. A desconstrução de uma narrativa hegemônica oficial permitirá trazer uma nova produção de conhecimento, partindo da perspectiva de vozes silenciadas historicamente.

Discutir sobre as questões raciais e do ser mulher negra, em diversos espaços, é avançar no processo formativo da tomada de consciência racial e respeito à diversidade e multiculturas existentes, tendo em vista uma educação antirracista. É também proporcionar uma compreensão sobre as estruturas hegemônicas, para assim restituir um outro modelo de sociedade que atenda a todas as necessidades da população negra.

⁶⁸ Idem.